



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA – ILEEL  
CURSO DE LETRAS: PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA



## **A EDUCAÇÃO NA CIDADE DE UBERLÂNDIA: A PARTICIPAÇÃO DA MULHER**

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. ELISETE MARIA DE CARVALHO MESQUITA**

**GRADUANDA: CARLA MÁRCIA DA SILVA**

Uberlândia-MG

2022

**CARLA MÁRCIA DA SILVA**

**A EDUCAÇÃO NA CIDADE DE UBERLÂNDIA: A PARTICIPAÇÃO DA MULHER**

Trabalho de Conclusão do Curso - TCC submetido à Universidade Federal de Uberlândia como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Licenciatura em Letras: português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Elisete Maria de Carvalho Mesquita

Uberlândia – MG

2022

**CARLA MÁRCIA DA SILVA**

**A EDUCAÇÃO NA CIDADE DE UBERLÂNDIA: A PARTICIPAÇÃO DA MULHER**

**Banca Examinadora:**

Profa. Dra. Elisete Maria de Carvalho Mesquita (ILEEL-UFU- Orientadora)

Profa. Dra. Marlúcia Maria Alves (ILEEL-UFU- membro titular)

Profa. Dra. Maria Cecília de Lima (ILEEL-UFU- membro titular)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pois Ele me permitiu chegar até aqui e sem Ele nada seria possível.

À Elisete Maria de Carvalho Mesquita, orientadora deste trabalho, pelo empenho, dedicação, compreensão nos momentos difíceis pelos quais passei e, principalmente, pela paciência em repetir as mesmas perguntas, às vezes.

Aos diversos professores da UFU, pelos ensinamentos que me fizeram crescer como professora e por acreditarem no meu esforço.

Às professoras Maria Cecília e Marlúcia, pelas valiosas contribuições

Aos amigos e colegas, pela amizade e companheirismo.

Aos familiares, principalmente à minha mãe, que é minha rainha e sempre me apoiou.

E a todos que, de certa forma, fizeram parte da minha formação. Como forma de representação dessas muitas pessoas, citarei um nome, Chirlí, professora que me inspirou a ser docente.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>6</b>
<b>1.0 APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>6</b>
<b>2.0 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>8</b>
<b>2.1. A EDUCAÇÃO NO BRASIL: O QUE DIZER? .....</b>	<b>8</b>
<b>2.2. A TRAJETÓRIA DA MULHER NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....</b>	<b>13</b>
<b>3.0 MATERIAIS E MÉTODOS .....</b>	<b>19</b>
<b>4.0 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>6.0 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>
<b>7.0 ANEXOS .....</b>	<b>48</b>

## RESUMO

Esta pesquisa tem o propósito de apresentar e discutir o perfil das mulheres professoras que atuam na rede pública de ensino da Cidade de Uberlândia-MG. Para isso, teoricamente, baseamo-nos em diferentes autores que se debruçam sobre esse tema, dentre os quais destacamos Bell Hooks (2017); Paulo Freire (1987); Reisdörfer (2013); Ribeiro (1993); Santos e Silva (2016). Nessa discussão sobre a educação, de modo geral, e sobre a educação, de modo específico, tratamos do percurso histórico da educação no Brasil, procurando inserir a participação das mulheres nesse cenário. Metodologicamente, produzimos e aplicamos um questionário, constituído de 13 perguntas, sendo uma aberta e as outras fechadas, a 35 professoras que atuam na rede pública de ensino da cidade de Uberlândia-MG. As respostas oferecidas pelas professoras nos revelam bastantes aspectos da realidade dessas profissionais, como satisfação com a carreira escolhida e principais problemas enfrentados. Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para a melhor compreensão do universo educacional brasileiro.

Palavras-chave: educação; mulher; trajetória.

### 1.0 APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA

A educação brasileira vem sofrendo modificações com o passar do tempo, o que se deve ao empenho de pessoas que, em diferentes épocas, lutaram e lutam pela melhoria da qualidade do ensino em nosso país. Essa realidade vem transformando a vida das mulheres, principalmente, que, por séculos, no mundo inteiro, foram vistas apenas como donas. Elas não podiam opinar, participar das conversas formais. Não tinham o direito à escolarização e, conseqüentemente, aos espaços de poder.

Para chegarem ao momento e patamar hoje alcançados, como direito ao voto, ter fala nos espaços políticos, não serem apenas procriadoras e cuidadoras dos maridos e filhos, elas enfrentaram muitas batalhas na luta contra o machismo e o patriarcado. Se observarmos a realidade de alguns campos profissionais, perceberemos que ao neles adentrar, a mulher, muitas vezes, contribuiu para a desvalorização desse campo no mercado de trabalho. É o que aconteceu com a educação. A partir do momento que a mulher toma o espaço escolar, os homens na sua maioria passam a rejeitar a função de professor, devido ao fato de entenderem que essa é uma profissão para mulheres. Esse e outros fatores foram determinantes para que muitas questões atreladas ao cenário educacional, como boas condições de trabalho, boa remuneração, tivessem pouco valor na nossa sociedade.

Considerando essa realidade e nosso interesse pelo complexo universo da educação brasileira, principalmente, de 01/03/2021 a 21/06/2021, cursamos a disciplina “Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa”, oferecida pelo Curso Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa e ministrada pela Profa. Dra. Elisete Maria de Carvalho Mesquita. Logo no início dessa

disciplina, tivemos contato com o texto “**O processo de construção da identidade docente no Brasil**”, de autoria da professora Andreia Mendes dos Santos e da mestranda Renata Santos da Silva. A pesquisa realizada por essas autoras nos levou a refletir sobre uma série de questões atreladas à participação das mulheres na sociedade brasileira, dentre as quais destacamos sua atuação profissional, que se restringia, no passado, ao magistério.

Nesse contexto, considerava-se que a atividade docente poderia ser mais bem desempenhada pelas mulheres por conta da identidade feminina vigente na época e também em torno do conceito de “mãe educadora”. Acreditava-se que os aspectos da atividade docente, como cuidado na educação de crianças, eram a extensão das atividades já realizadas pelas mulheres em seus lares. (...) Com o passar do tempo, a atividade docente ficou desinteressante para os homens visto a baixa remuneração. Os homens teriam atribuições que as mulheres não possuíam por serem chefes de família, responsáveis pelas obrigações do lar.” A mulher professora não possuindo essas obrigações poderia receber um salário menor (HYPÓLITTO, 1997, p. 63). No processo de incorporação das mulheres ao mercado de trabalho, foi reservado a elas empregos no setor de serviços e nos setores dos salários mais baixos. (SANTOS; SILVA, 2016, p. 5-6)

Ao fazermos a análise desse trecho, começamos a entender melhor os motivos associados à desvalorização da educação e, conseqüentemente, do/a professor/a em nosso país. Foi então que surgiu o interesse pela realização desta pesquisa, a partir da qual pudéssemos nos aprofundar no debate sobre esse tema.

Esta pesquisa objetiva, então, verificar o espaço ocupado pelas mulheres no cenário educacional da cidade de Uberlândia-MG. Para isso, consideramos a história da educação brasileira e a inserção da mulher nesse cenário, sua formação identitária, seu percurso profissional e os desafios que ela vem enfrentando simplesmente por ser mulher. Objetivando entender melhor essas questões, optamos pela realização de uma pesquisa qualitativo-interpretativista, que consistiu na análise de dados relativos a professoras que atuam na rede pública da cidade de Uberlândia-MG, bem como na coleta e análise de informações sobre essas professoras obtidas a partir da aplicação de questionário<sup>1</sup>.

Levando em conta o contexto apresentado, este trabalho está dividido em três grandes partes. Na primeira, **fundamentação teórica**, fazemos um breve percurso da história da educação brasileira, seguida de algumas considerações sobre a trajetória da mulher nesse mesmo contexto. Na segunda parte, **materiais e métodos**, apresentamos o modo como este trabalho foi desenvolvido, ou seja, por

---

<sup>1</sup> O questionário enviado às professoras, participantes da pesquisa, está anexado ao final deste trabalho (ver anexo 2).

meio de uma pesquisa qualitativo-intepretativista com 35 mulheres da cidade de Uberlândia. Finalmente, na terceira parte, **resultados e discussão**, apresentamos e discutimos os resultados obtidos a partir do modo como esta pesquisa foi “desenhada”.

## 2.0 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1A EDUCAÇÃO NO BRASIL: O QUE DIZER?

Entendendo que a trajetória da educação no Brasil tem relação direta com o objetivo desta pesquisa, apresentaremos, a seguir, um breve histórico do sistema educacional brasileiro, que é altamente complexo, pois envolve uma série de fatos atrelados a diferentes realidades. Tratar desse universo é, pois, uma tarefa nada simples. Conscientes das dificuldades inerentes ao tratamento desse tema, neste tópico, objetivamos apresentar e discutir, breve e cronologicamente, alguns fatos que marcaram o ensino formal no Brasil.

Para iniciar essa síntese, partiremos do período colonial (1549-1808), quando surgiram os primeiros ideais de educação no Brasil, pautados numa forte concepção catolicista. Naquela época, como se sabe, o território brasileiro foi ocupado pelos portugueses, para os quais todos os indivíduos, no caso os indígenas, eram primatas que precisavam de doutrinação. Dentre os portugueses que aqui chegaram, Padre Manoel da Nóbrega, missionário jesuíta português e chefe da primeira missão jesuíta mandada para a América, decidiu usar o ensino/escola como método de doutrinação, cujos alvos eram os povos indígenas que aqui viviam. A partir do método *Ratio Studiorum*, os jesuítas, encabeçado por Nóbrega, implantaram o primeiro sistema de educação em todo o território nacional.

O período colonial brasileiro, baseado na grande propriedade e na mão-de-obra escrava, contribuiu para o florescimento de uma sociedade altamente patriarcal caracterizada pela autoridade sem limite dos donos de terras. O estilo medieval europeu da cultura transmitida pelos jesuítas, correspondia às exigências necessárias para a sociedade que nascia, do ponto de vista da minoria dominante. A organização social da colônia e o conteúdo cultural se relacionavam harmonicamente. Uma sociedade latifundiária, escravocrata e aristocrática, sustentada por uma economia agrícola e rudimentar, não necessitava de pessoas letradas e nem de muitos para governar, mas sim de uma massa iletrada e submissa. Neste contexto, só mesmo uma educação humanística voltada para o espiritual poderia ser inserida, ou seja, uma cultura que acreditavam ser neutra. (RIBEIRO, 1993, p.15)

Ainda nessa época, aproximadamente em 1759, o ensino passa a ser feito por meio das *Cartas Régias*, que traziam todos os conteúdos que deveriam ser estudados, embora ainda sob o



poder da igreja. Ao pensarmos sobre a introdução do ensino no Brasil, nos chama a atenção a preocupação dos portugueses com a necessidade de “ensinar” os indígenas, ao passo que aos negros e às mulheres não era permitido o acesso à educação; os homens brancos, por sua vez, tinham seu direito garantido e podiam fazer as suas escolhas, ou estudavam nas igrejas ou iam à Europa para adquirirem ensino.

O principal objetivo da Companhia de Jesus era o de recrutar fiéis servidores. A catequese assegurou a conversão da população indígena à fé católica e sua passividade aos senhores brancos. A educação elementar foi inicialmente formada para os curumins, mais tarde estendeu-se aos filhos dos colonos. Havia também os núcleos missionários no interior das nações indígenas. A educação média era totalmente voltada para os homens da classe dominante, exceto as mulheres e os filhos primogênitos, já que estes últimos cuidavam dos negócios do pai. A educação superior na colônia era exclusivamente para os filhos dos aristocratas que quisessem ingressar na classe sacerdotal; os demais estudaram na Europa, na Universidade de Coimbra. Estes seriam os futuros letrados, os que voltariam ao Brasil para administrá-lo. (RIBEIRO, 1993, p.15)

A chegada da família real portuguesa no território brasileiro (1808) e as iniciativas de D. João IV, no que diz respeito à educação, resultaram na criação de academias militares, de cursos médico-cirurgiões, da biblioteca real, do museu real, entre outros. Apesar dessas melhorias, a educação para toda a população brasileira, indistintamente, não foi assegurada nesse período. É como afirma Ribeiro:

Com a presença de D. João VI no Brasil durante mais de uma década, verificaram-se mudanças no quadro das instituições educacionais da época, com a criação do ensino superior não-teológico: Academia Real da Marinha, Academia Real Militar, os cursos médico-cirúrgicos, a presença da Missão Cultural Francesa, a criação do Jardim Botânico, do Museu Real, da Biblioteca Pública e da Imprensa Régia. Relevantes por serem os primeiros centros de educação e cultura do Brasil, não deixam de revelar as intenções aristocráticas de D. João, pois o ensino primário foi esquecido e a população em geral continuou iletrada e sem acesso aos grandes centros do saber. Na Monarquia, deu-se muito valor ao ensino superior. Isto reflete a necessidade de pessoal capacitado para preencher os quadros administrativos do país que há pouco se libertaram politicamente. (RIBEIRO, 1993, p.17)

O segundo momento da história da educação no Brasil é conhecido como a fase imperial (1822-1889) A Constituição promulgada em 1824 determinava a liberdade de ensino sem qualquer restrição e pelo menos o ensino primário gratuito a todos os cidadãos. Segundo Ribeiro (1993, p. 15), em 1834 ocorreu o Ato Institucional que alterou a constituição, descentralizando a

responsabilidade educacional. Caberia, então, às cidades o direito de legislar e controlar o ensino primário e médio e ao poder central se reservou a exclusividade de promover e regulamentar o ensino superior. A formação docente começa a ser considerada, visto que naquela época, os professores não possuíam a preparação que pudesse capacitá-los para o exercício profissional. Algo importante a ser enfatizado é que a primeira escola de formação dos professores, a chamada “Escola Normal” foi fundada em Niterói no ano de 1835, e em 1837 foi fundado o colégio Pedro II.

O período seguinte, chamado de primeira república, durou de 1889 a 1930. Nessa época, o ensino secundário era considerado apenas como etapa necessária para a entrada no ensino superior e o ensino técnico ainda não estava nos ideais do Estado. Não havia, ainda, a separação dos estudantes em séries/anos por faixa etária, porque não havia leis que determinavam como deveria ser dividido o ensino, de acordo com esse critério. Então, qualquer pessoa, de qualquer idade, poderia ingressar no sistema de educação, independentemente da série/ano a ser cursada/o. É, portanto, no período chamado Primeira República que o Brasil experimenta o **ensino seriado**.

Os primeiros anos da República caracterizaram-se por várias propostas educacionais, visando a inovação do ensino. A Reforma de Benjamin Constant, bastante ampla, que dentre outras mudanças, propunha a inclusão de disciplinas científicas nos currículos e dava maior organização aos vários níveis do sistema educacional, não foi posta em prática, e como cita Romanelli, "faltava para sua execução, além de uma infraestrutura institucional que pudesse assegurar-lhe a implantação, o apoio político das elites, que viam nas ideias do reformador uma ameaça perigosa à formação da juventude, cuja educação vinha, até então, sendo pautada nos valores e padrões da velha mentalidade aristocrático-rural (RIBEIRO, 1993, p. 18 apud ROMANELLI, 1978, p.42)

Podemos perceber que nesse período de nossa história, o ensino formal existia e estava em constante evolução, entretanto o acesso à educação não foi oferecido aos cidadãos de maneira igualitária. Apenas os indivíduos mais favorecidos economicamente tinham esse privilégio garantido, ou seja, a exclusão de várias camadas sociais da população brasileira do ensino era uma triste realidade, mesmo havendo a constituição que garantia igualdade educacional.

Concretamente, houve uma certa ampliação no ensino secundário, mas ela só ocorreu no ensino particular. No ensino público houve um pequeno aumento no pessoal docente e uma diminuição nas escolas e matrículas. A elite governante, tendo conhecimento do baixo nível das escolas oficiais e desejando que seus filhos estudassem em níveis elevados, incentivava as escolas particulares. Numa sociedade agrícola onde os meios de produção eram elementares, só a elite dominante necessitava ser letrada. O governo não se interessava em ampliar a rede secundária, pois a economia não exigia nível médio. A elite, tendo o poder aquisitivo nas mãos, matriculava seus filhos nas escolas particulares, com finalidade de que atingissem o nível

superior para serem os futuros administradores do país. Sendo assim, a estrutura educacional não foi alterada neste período. (RIBEIRO, 1993, p. 19)

Chegando à época democrática, destacamos a Era Vargas (1930-1945). Em 1930 foi formado o Ministério dos Negócios, Educação e da Saúde Pública, que se propôs valorizar os jogos e modos de motivar os estudantes a perceberem e captar informações que às vezes o ensino tradicional não oferecia. De acordo com Ribeiro (1993), surge um movimento de cunho pedagógico na Escola Nova. É visto, pela primeira vez, educadores de profissão que denunciam o analfabetismo e outros problemas da educação. O escolanovismo, com origens europeias, começa a defesa a favor da individualidade dos estudantes. No Brasil, os pioneiros da Escola Nova defendem o ensino leigo, universal, gratuito e obrigatório, a reorganização do sistema escolar sem o questionamento do capitalismo dependente e enfatizam a importância do Estado na educação e na reconstrução nacional.

Na Era Vargas houve reformas educacionais requeridas pelo povo brasileiro, já que nem todos os indivíduos chegavam a concluir o ensino fundamental, muito menos o ensino superior. Ao final dessa “Era”, foi criado o ensino profissional no Brasil. O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) promete a profissionalização de todos e, juntamente com ele, várias reformas são levadas adiante pelo Ministro da Educação da época: Clemente Mariani (RIBEIRO, 1993, p.24)

No período de 1946 a 1964, denominado de república populista, o Brasil passou a ter uma nova constituição, que garantia o ensino primário gratuito a todos, principalmente, àqueles que comprovassem falta de recursos para estudar. Em 1961, após algum debate, é aprovada a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação do Brasil. Também nessa época a educação tradicional foi duramente criticada e as primeiras experiências do método de alfabetização adotado por Paulo Freire são publicizadas. De 1964 a 1985, tivemos a Era Militar, quando as ideias e, portanto, o método de Paulo Freire, foram rejeitados, o que resultou no exílio desse estudioso.

Em 1964, o Brasil assina o acordo feito entre o Ministério da Educação (MEC) e a *United States Agency for International Development* (USAID) chamado MEC-USAID a partir do qual, o Brasil passa a receber influência dos Estados Unidos da América no ensino tecnicista.

O momento era propício para uma intervenção externa, pois o problema educacional era uma justificativa para se consolidar uma intervenção que no

plano econômico, já se traçara há muito. Estes acordos ofereciam ajuda econômica à Educação, através de bolsas e verbas, e também propostas concretas para solução dos problemas educacionais brasileiros. (RIBEIRO, 1993, p.26)

Por ser um país em desenvolvimento, que se “inspira” em países desenvolvidos, o Brasil adota técnicas norte-americanas visando a melhoria do ensino escolar. Algumas mudanças acontecem, então, no cenário educacional, como a criação de um movimento brasileiro de alfabetização, a retirada da disciplina Filosofia dos currículos, a extinção da Escola Normal e a desobrigação do ensino profissionalizante.

Por fim, o último período da educação no Brasil que destacamos é o chamado de Retomada Democrática (1985- dias atuais). A educação passa a ter um grande destaque devido à Constituição Federal de 1988. Em 1990 foi criado o Sistema da Educação Básica (SAEB), realizado a cada dois anos com avaliações tanto em Língua Portuguesa quanto em Matemática. Em 1998, são lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – (BRASIL, 1997), que visam a normatizar o ensino em todo o país. No ano de 1988 também foi criado o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); que, a partir de 2009 passa a funcionar como vestibular único para todos os concluintes do Ensino Médio brasileiro. Em decorrência desse amplo exame, surgiram programas de inclusão das pessoas no ensino superior como o Programa Universidade Para Todos (PROUNI) e o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES). No ano de 2016, iniciam-se as discussões para a criação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC – (BRASIL, 2018) que é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

Ao nos aprofundarmos um pouco na história da educação no Brasil, notamos que o percurso feito até os dias atuais é dotado de ampla relevância e complexidade. Entendemos que, para que sejam realizadas novas propostas que contribuam para a melhoria da educação, precisamos sempre pensar no que o Brasil passou, pois a partir da compreensão dos erros e acertos vividos, podemos ser capazes de lidar melhor com a realidade atual e com a futura.

Encerramos este tópico com as palavras de Ribeiro no qual nos baseamos para a apresentação desta breve linha do tempo da educação brasileira.

Quando se faz propostas educacionais, é necessário que se conheça toda a História percorrida até nossos dias, para que se crie a partir dos resultados dos trabalhos que foram desenvolvidos até o presente, para que os erros cometidos

não se repitam, e os aceitos de outrora sirvam de base para que se amadureçam as propostas educacionais. Não se pode ignorar a bagagem educacional que o tempo nos legou, pois, se assim o fizermos, regrediremos historicamente. Os governos devem aproveitar as ideias e projetos que deram ou estão dando certo, aperfeiçoando cada trabalho, mesmo se forem de adversários políticos, pois a História nos tem mostrado que, no Brasil, se julga uma obra ou um trabalho não pelo seu mérito ou pelo benefício que está trazendo, mas sim pelo seu autor e pela ideologia que este traz. (RIBEIRO, 1993, p. 28)

## **2.2A TRAJETÓRIA DA MULHER NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

Como mencionado anteriormente, o acesso à educação no Brasil não era oportunizado a todos os cidadãos. Havia (e ainda há) práticas de exclusão que afetam muitos grupos sociais, dentre os quais destacamos as mulheres e as mulheres negras, principalmente. Somente a partir do século XX inicia-se o processo de inclusão desses indivíduos no sistema educacional brasileiro.

De acordo com Reisdörfer (2013), desde a antiguidade, as mulheres vêm enfrentando dificuldades para adquirirem o direito de fala e de participação nas muitas e variadas esferas de atuação que existem na nossa sociedade. Naquela época, elas não podiam desempenhar as mesmas funções desempenhadas pelos homens; não tinham acesso à escrita e não possuíam direitos trabalhistas e políticos. As mulheres serviam apenas para dar filhos aos homens, atuando como uma espécie de escravas sexuais, que nada podiam questionar, ou seja, eram servas do sistema que existia naquela época. Na Idade Média, as mulheres comuns começaram a desempenhar outros papéis, como confeccionar tecidos, fabricar cosméticos, artigos de luxo, entre outros. As mulheres que pertenciam à nobreza ou as senhoras feudais, por sua vez, podiam participar da administração das propriedades. É nessa época, portanto, que as mulheres começaram a ganhar poder e “voz”. Muito tempo depois, a Revolução Francesa contribuiu significativamente para a emancipação feminina, pois foi quando as mulheres começaram a exigir igualdade em relação aos homens. Essa luta desigual, que vigora ainda hoje, apesar de significativos avanços, precisa avançar ainda mais, visto que não é fácil extinguir o machismo estrutural.

No Brasil, é a partir da Primeira Guerra Mundial que as mulheres começam a sair da condição de donas de casa, mães, para desempenharem papéis de maior relevância social, como enfermeiras, médicas, entre outras profissões. Essa conquista, por mais importante que tenha sido, trouxe consigo outra difícil situação: a desigualdade de salário entre homens e mulheres, haja vista a existência do preconceito de gênero. Sempre que uma mulher, ainda hoje, é contratada para atuar em algumas áreas ou empresas, a sua remuneração é menor que a do homem. Além disso, há

também o assédio sofrido dentro do seu espaço de trabalho. Muitas mulheres reconhecem que já sofreram assédio no ambiente profissional. <sup>2</sup>Essa situação se agrava se considerarmos a realidade da mulher negra no mercado de trabalho, pois, nesse caso, lidamos não somente com o preconceito de gênero, mas também com o preconceito de raça. Podemos afirmar, então, que ser mulher branca na sociedade brasileira já é difícil, mas ser mulher e negra é ainda mais difícil.

Um dos espaços de trabalho mais familiares às mulheres, em todas as épocas de nossa história, é o magistério. Essa realidade pode ser explicada se considerarmos, dentre outras razões, que as mulheres não tinham o direito de exercerem as mesmas profissões que os homens, que, por sua vez, entendiam o magistério como área profissional inferior, que deveria, portanto, ser desempenhada pelas mulheres.

A profissão do magistério passou a ser cada vez mais dominada pelas mulheres devido à insatisfação dos homens pela baixa remuneração salarial, para que pudessem sustentar a família, cabia-lhes procurar profissões mais rentáveis. (CARRANZA, 2016, p.9)

Quando pensamos no fator salarial, entendemos que as mulheres, sem muitas alternativas de trabalho remunerado, aceitaram as condições a elas impostas e se curvaram à realidade vigente. Nesse momento, elas não precisavam ter ensino superior para laborarem no ensino primário, pois, grosso modo, era necessário apenas que educassem os estudantes conforme elas já faziam no ambiente familiar, ou seja, como educavam seus filhos.

Trabalhar como professora primária é se sujeitar a uma baixa remuneração, fazendo parte do perfil vocacional de algumas mulheres (...) com a abertura de várias escolas da educação infantil elas podem trabalhar como auxiliares em sala de aula, e as de classe média e alta buscam outras profissões consideradas elitizadas, que supostamente são bem remuneradas concorrendo profissionalmente com os homens. Sendo um fato generalizado por todo o Brasil. (CARRANZA, 2016, p.9)

As mulheres que atuam no ensino infantil, principalmente, são, normalmente, mulheres que pertencem a camadas socioeconômicas menos privilegiadas, que trabalham numa parte do dia para terem tempo de cuidar dos filhos, da casa e de seu marido na outra parte do dia.

---

<sup>2</sup> Levantamento on-line divulgado pela Think Eva em parceria com o LinkedIn aponta que, entre as mulheres que afirmam já haver sofrido assédio sexual no trabalho, as mulheres negras representam 52% e as que recebem até dois salários-mínimos são 49%, enquanto apenas 8% das vítimas ganham mais que seis salários-mínimos. Segundo esse levantamento, o assédio é um (ab)uso de poder e que o assediador escolhe as vítimas mais vulneráveis, a maioria ocupa cargos de assistente (32,5%), estagiária (18,1%) e júnior (13,4%); as mulheres em posições de direção que declararam ter sofrido assédio sexual representaram apenas 2,4%.

Na Inglaterra 41% dos empregos femininos são de tempo parcial, garantindo assim tanto salários mais baixos e benefícios menores quanto um controle menor, mas evidenciando também as ligações com as relações patriarcais em casa (é função da mulher trabalhar só meio-período e tomar conta das crianças) e os tipos de ocupações disponíveis no mercado de trabalho (APPLE, 1988, p.15 *apud* Barret, 1980, p. 155)

Notadamente, o trabalho doméstico é a posição de ocupação em que tanto a informalidade como a participação feminina são predominantes. Isso porque, cerca de 73,9% dos empregados não têm carteira assinada. Dentre estes, 94% são mulheres (3,4 milhões). Isso mostra um impacto importante que a pandemia teve sobre o trabalho feminino, especialmente informal. (MST, 2022, p.59)

Segundo Apple (1998) “Como a atividade docente, por exemplo, tem componentes de cuidar de crianças e servir, isso ajuda a reconstruir sua definição como trabalho de mulher.” Pontos de vista como esse reforçam o machismo existente não só no Brasil, mas também no mundo todo, pois defendem a ideia de que a mulher deve ocupar apenas postos de trabalhos menos valorizados socialmente ou que devem, simplesmente, ser donas de casa, cuidar da casa, filhos e marido.

O trabalho de uma mulher é considerado de alguma forma inferior ou de menor *status* pelo simples fato de ser uma mulher quem o faz. (APPLE, 1998, p 16 *apud* MURGATROYD, 1982, p. 581)

Apple (1998) afirma que o magistério se tornou feminino, em parte, porque os homens o abandonaram por entenderem que o custo de vida é alto demais para permanecerem nessa área profissional. Aqueles homens, entretanto, que continuaram na área da educação, passaram a dar aulas para obterem uma renda extra. Ainda hoje não é raro encontrarmos profissionais formados em Direito, Engenharia ministrando aulas de Língua Portuguesa ou de Matemática, por exemplo.

O magistério e, mais especificamente, o ensino infantil é comumente associado à vocação e dom. De acordo com essa linha de pensamento, entende-se que as mulheres é que devem exercer essa função. Afinal, elas gostam de ensinar, de cuidar dos outros, têm muita paciência e são delicadas com as pessoas. Essas e outras características equivocadamente atribuídas ao universo feminino ajudaram a compor ainda mais o magistério como uma profissão feminina.

as mulheres não só eram professoras ideais para pequenas crianças (devido a sua paciência e jeito para cuidar), mas também que o magistério era a preparação ideal para a maternidade. (APPLE, 1998, p. 18 *apud* Strober, s.d., p. 19)

A realidade pessoal e profissional das mulheres foi – e ainda é – muito parecida em diferentes países. Nos Estados Unidos, na década de 1930, por exemplo, as mulheres somente podiam exercer a profissão de professora se elas não fossem casadas, e se casassem após estarem no

exercício da função, eram demitidas. Naquela época, as mulheres só tinham valor se fossem solteiras, sem filhos. O casamento só foi reconhecido passado algum tempo.

Podíamos casar, podíamos trabalhar como empregadas e podíamos nos tornar professoras de escola. E visto que, de acordo com o pensamento sexista da época, os homens na verdade não gostavam de mulheres “inteligentes”, partia-se do pressuposto de que quaisquer sinais de inteligência selavam o destino da pessoa. Desde o ensino fundamental, eu estava destinada a me tornar professora. (HOOKS, 2017, p. 10).

Hooks, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense, em sua obra **“Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.”**, apresenta e discute a realidade educacional de seu país e sua inserção nesse universo. Por ser uma mulher negra, ela entendia o que é ser uma mulher preta e como isso influenciou na sua trajetória de mulher na educação. O viés dessa autora chamou-nos muito a atenção, porque ela não trata de quaisquer mulheres. Trata, principalmente, do lugar ocupado pelas mulheres pretas na sociedade americana. Logo no início dessa obra, a autora mostra que igual às mulheres brancas, ela tinha o seu destino determinado como todas. Elas, as mulheres negras, podiam se casar, trabalhar como empregadas e serem professoras. Hooks faz uma crítica ao sistema machista, feminista e racial. Considerando o estudo dessa autora, podemos dizer que a triste realidade enfrentada pela autora ainda é enfrentada pela maioria das mulheres pretas, independentemente de sua nacionalidade.

Segundo Hooks, nas universidades, o número de homens era bem maior se comparado às mulheres, haja vista que o fato de ter uma boa remuneração faz com que a procura por esse meio seja bastante relevante ao público masculino. Assim, temos a superioridade masculina em salas de aula, para reforçar o lugar que o sexo feminino deveria ocupar. Essa realidade do ensino universitário vivido por Hooks mostrou a ausência de diálogo entre estudantes negros e professores brancos, em sua maioria, que causava, naturalmente, uma assimetria em que as pessoas de cor não conseguiam participar, ficando com as vozes silenciadas. Pensamos numa sala onde os brancos já sabem a maioria das respostas das perguntas dos docentes, possivelmente, os alunos negros ao formularem as perguntas ficam com medo de dar uma resposta errada ou inadequada, o que acarreta, mais uma vez, dificuldades de participação do público negro nas aulas.

A maioria dos meus professores não estavam nem um pouco interessados em nos esclarecer. Mais que qualquer outra coisa, pareciam fascinados pelo exercício do poder e da autoridade dentro do seu reininho – a sala de aula (HOOKS, 2017, p. 30).

Em toda a minha carreira de professora, muitos professores universitários brancos me falaram de sua preocupação com os alunos não brancos que não falam. (...) Os alunos brancos e homens, por exemplo, continuam sendo os que mais falam em nossas aulas. Os alunos de cor e algumas mulheres



brancas dizem ter medo de que os colegas os julguem intelectualmente inferiores. (HOOKS, 2017, p. 56-57)

Para um homem branco dizer algo é fácil, pois não haverá, de certa forma, críticas que o levarão a ter vergonha de sua intelectualidade. Contudo, uma pessoa negra e do sexo feminino precisará ou fazer perguntas ou dar respostas inteligentes, caso contrário, ela se sentirá inferior e desenvolverá distúrbios psicológicos, que poderão levá-la, até mesmo à evasão da universidade.

Levando em conta esse cenário, podemos entender melhor que, historicamente, as mulheres negras foram escravas por muito tempo, e os espaços educacionais, até então, eram ocupados na sua maioria por homens brancos e algumas mulheres brancas. Somado a isso, um dos maiores motivos que os brancos tinham para escravizar era o fato de acreditarem que os negros e negras eram seres que não pensavam e não tinham inteligência suficiente para serem racionais. Diante disso, tudo que envolvia o público negro causava e, ainda pode causar, esse pensamento.

As mulheres negras são tratadas como uma caixa de bombons dada de presente às mulheres brancas para o prazer destas que podem decidir para si mesmas e para outras quais bombons são mais gostosos. (HOOKS, 2017, p. 108)

Não é à toa que as mulheres brancas usavam as negras como amas de leite para seus filhos, colocavam-nas para fazerem o trabalho doméstico etc. Somente elas podiam atuar profissionalmente como professoras ou enfermeiras. Nenhuma negra ousaria ultrapassar o limite colocado na sociedade na época que ainda existia escravidão.

O ponto de contato entre as negras e as brancas era a relação serva-senhora, uma relação hierárquica baseada no poder e não na mediada pelo desejo sexual. As negras eram as servas e as brancas, as senhoras. (HOOKS, 2017, p. 128)

A mulher negra era a senhora dos serviços de casa. Ela cuidava dos filhos das brancas, lavava as louças do lar, limpava o ambiente todo e ainda, quando necessário, cozinhava, ou seja, todo serviço braçal era feito pelas mulheres negras, não pelas brancas. O fato de as mulheres negras e escravas trabalharem bastante, levantarem peso e sempre estarem em constante movimentação contribuía para que elas tivessem um corpo magro, definido e, conseqüentemente, desejado pelos homens brancos. O assédio do branco às mulheres negras era, então, algo muito comum na realidade da época, o que acarretou o ódio nas mulheres brancas. Diante disso, uma mulher branca se sentia ameaçada de ter uma mulher negra frequentando os mesmos ambientes que ela e ainda pertencer às mesmas profissões, pois o “status” que elas tinham poderia ser tirado delas.

Dentro de um contexto cultural onde o status da mulher branca era determinado por seu relacionamento com homens brancos, as brancas queriam, logicamente preservar uma separação clara entre seu status e o das negras. Era essencial que as negras fossem mantidas a distância, e os tabus raciais que proibiam as relações legais entre os dois grupos fossem reforçados quer pela lei, quer pela opinião social. (...)

Apesar da opressão brutal das escravas negras, muitas mulheres brancas tinham medo delas. Talvez acreditassem que, mais que qualquer coisa, as negras queriam trocar de lugar com elas, adquirir o status social delas, casar-se com seus maridos. E deveriam ter medo (dada a obsessão dos homens brancos pelas mulheres negras) de que, se não houvesse tabus legais e sociais proibindo as relações legalizadas, elas perderiam seu status. (HOOKS, 2017, p. 130- 132)

Na atual conjuntura, os espaços de grande poder na sociedade ainda são ocupados, majoritariamente, pela população branca. As mulheres brancas conseguem com maior facilidade adentrar em carreiras profissionais mais valorizadas socioeconomicamente, haja vista que tiveram ou têm mais oportunidades que a população negra. É importante lembrar que, atualmente, homens e mulheres negros têm a oportunidade de entrar nos âmbitos sociais dominados pelos brancos, pois as cotas raciais e sociais garantem esse acesso, entretanto, poucos lutam pelo direito de estarem no espaço dos brancos, haja vista que a desigualdade ainda é muito grande.

Apesar de muitas dificuldades e entraves, as mulheres negras, cada vez mais, estão adquirindo a consciência de que não só devem ser resistentes, mas que também devem entender que o local delas deve ser onde elas acharem que deve ser. Atualmente, temos leis contra o racismo, sistema de cotas que contribuem para que o público negro, gradativamente, vá se inserindo melhor na sociedade que é tão dele quanto dos brancos. Na esteira desse raciocínio, comungamos das ideias de Freire, autor celebrado e criticado por Hooks (2007), a partir das quais ele faz uma crítica à igualdade educacional e oportunidades para todos. Freire afirma:

O mito do direito de todos à educação, quando o número de brasileiros que chegam às escolas primárias do país e o do que nelas conseguem permanecer é chocantemente irrisório. O mito da igualdade de classe, quando o “sabe com quem está falando?” é ainda uma pergunta dos nossos dias. O mito do heroísmo das classes opressoras, como mantenedoras da ordem que encarna a “civilização ocidental e cristã”, que elas defendem da “barbárie materialista”. O mito de sua caridade, de sua generosidade, quando o que fazem, enquanto classe, é assistencialismo, que se desdobra no mito da falsa ajuda que, no plano das nações, mereceu segura advertência de João XXIII (FREIRE, 1987.p.86)

Com o objetivo de concluir esta breve discussão, tão importante para nós, apresentamos mais algumas palavras de Hooks (2017) a partir das quais entendemos que professoras negras ou

brancas comprovam que o mundo educacional não é fácil, porém pode ser um universo extraordinário para todos, tanto para a comunidade escolar quanto para a sociedade, em toda a sua complexidade. Sair da zona tradicional, inovar com os discentes e trazer o diálogo são fatores primordiais que todo profissional da educação deve ter.

A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática de liberdade. (HOOKS, 2017, p. 273).

### **3.0 MATERIAIS E MÉTODOS**

Nesta parte do trabalho, apresentamos o modo como a pesquisa foi realizada. Para além da apresentação de dados numéricos referentes às professoras que atuam em escolas públicas da cidade de Uberlândia-MG, aplicamos um questionário a aproximadamente 100 professoras que atuam nessa realidade educacional, sendo que desse universo, obtivemos 35 respostas, que são analisadas na próxima seção deste estudo. O questionário foi criado a partir do *google form* e enviado a profissionais da educação da cidade. Após o prazo determinado para o envio das respostas (15 dias), pudemos contar com 35 respostas, que foram a base para a realização desta pesquisa.

Os números e percentuais registrados a partir da aplicação dos questionários e a análise feita obedeceram aos princípios da pesquisa qualitativo-interpretativista, a partir da qual tanto dados numéricos quanto a interpretação de cada resposta dada pelas participantes da pesquisa são de extrema relevância.

Objetivando, portanto, conhecer um pouco mais sobre a realidade educacional da cidade acima mencionada, coletamos informações baseadas nas seguintes questões: quantas escolas públicas existem na cidade de Uberlândia? Quantos são os profissionais da educação na cidade? Qual é o percentual de homens e de mulheres que atuam nas escolas pesquisadas? As respostas a essas questões são apresentadas nos quadros que se seguem:

Quadro 01: número de escolas públicas da cidade de Uberlândia-MG

Escolas Municipais	<b>120</b>
Escolas Estaduais	<b>70</b>
Escolas Federais	<b>3</b>
Total de escolas públicas existentes na cidade de Uberlândia	<b>193</b>

Fonte: dados fornecidos pela Secretaria Regional de Educação (SRE) de Uberlândia-MG. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1JrhiHHNxU9eFRoIzoNPIId6ojLUsdHGa/view>. Acesso em: 28 dez. 2022.

Quadro 02: quantidade de professores/as que atuam em escolas públicas municipais da cidade de Uberlândia-MG

Escolas públicas	Homens	<b>Mulheres</b>	Total
municipais	1131 - 29,33%	<b>2660 – 70,17%</b>	3791 – 100%

Fonte: dados fornecidos pela Secretaria Regional de Educação (SRE) de Uberlândia-MG.<sup>3</sup>

No quadro 2, notamos a existência de um número maior de professores do sexo feminino atuando nas escolas públicas de Uberlândia, o que comprova o real desinteresse dos homens pela educação básica no Brasil.

As respostas obtidas a partir da aplicação dos questionários às professoras (mulheres) que atuam na educação básica pública estadual de Uberlândia-MG serão analisadas a seguir.

#### 4.0 RESULTADOS E DISCUSSÃO

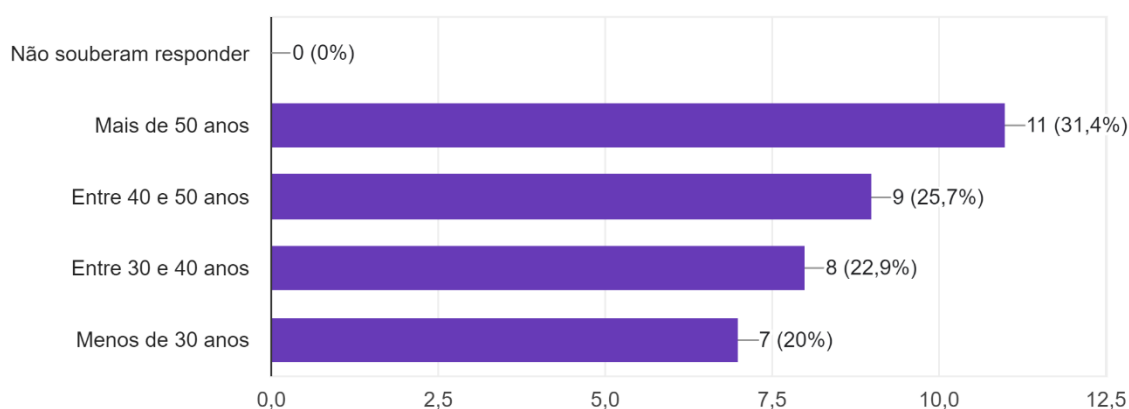
A seguir apresentamos 12 gráficos, que correspondem às respostas (11 de múltipla escolha e 01 aberta) dadas pelas professoras que atuam na rede pública de educação da cidade de Uberlândia-MG. Os dados obtidos trouxeram relevantes informações para esta pesquisa, pois nos ajudaram a compreender, dentre outros aspectos, a visão feminina sobre a profissão de educadora.

<sup>3</sup> Ver anexo 1

Gráfico 01: idade das professoras entrevistadas

### 1. QUANTOS ANOS VOCÊ TEM?

35 respostas



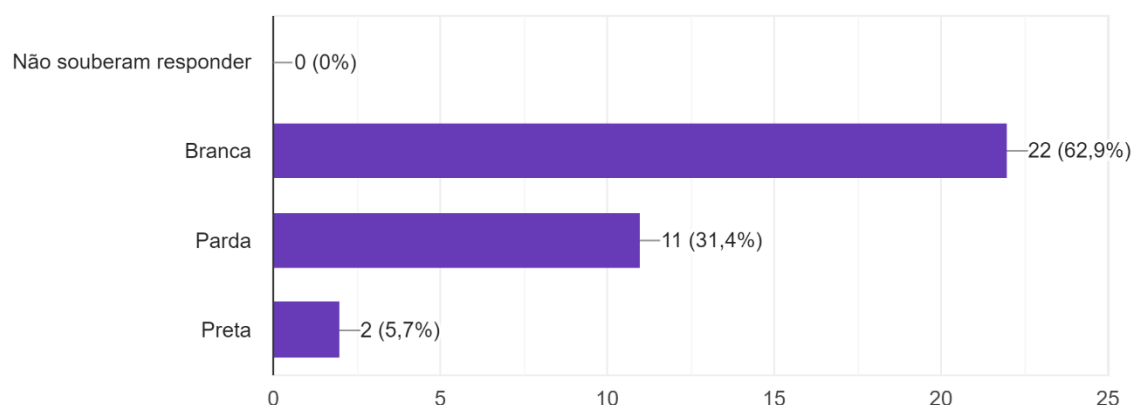
Fonte: elaborado pela autora

Esse primeiro gráfico revela as respostas das mulheres participantes da pesquisa quando questionadas a respeito da sua idade. Percebemos, então, um número maior de mulheres acima de 50 anos (31,4% – 11); seguido pelo percentual de mulheres com 40 e 50 (25,7%– 9); depois temos o percentual relativo às mulheres de 30 e 40 anos (22,9%– 8); e por último as mulheres que têm menos de 30 anos (20% – 7). Esses resultados nos mostram o aparente desinteresse de jovens pela carreira docente, que vem deixando, cada vez mais, de ser atrativa. Fatores como más condições de trabalho e baixa remuneração salarial contribuem para essa realidade.

Gráfico 02: cor/raça das professoras entrevistadas

## 2. COMO VOCÊ SE CLASSIFICA EM RELAÇÃO À SUA COR/RAÇA?

35 respostas



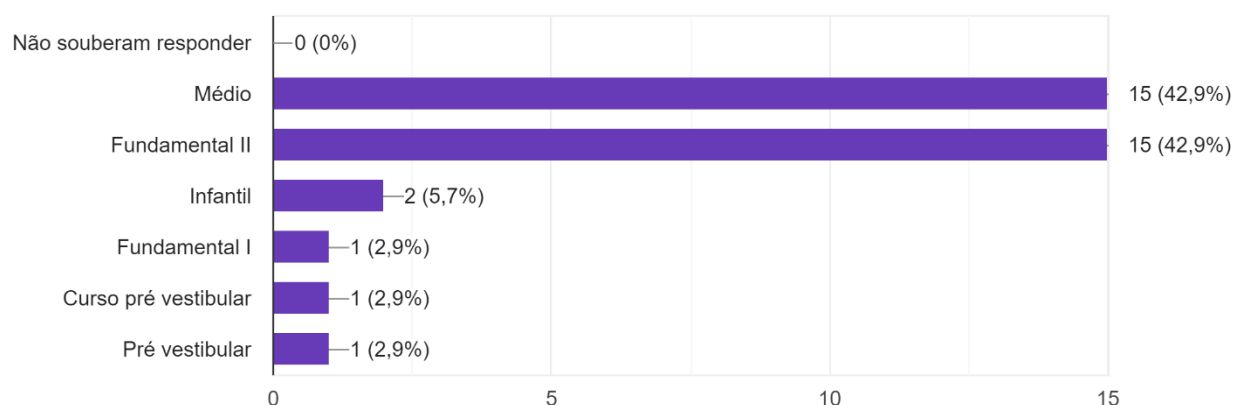
Fonte: elaborado pela autora

O segundo gráfico revela os resultados obtidos a partir da pergunta atrelada à raça/cor das mulheres. Percebemos que a maioria absoluta (62,9% - 22) das mulheres, que atuam na educação pública de Uberlândia-MG, é branca e que (31,4% - 11) são mulheres pardas. O resultado revela, também, que as mulheres negras/pretas têm pouca representatividade (5,7% - 2) no ensino público da cidade de Uberlândia-MG, haja vista que de um total de 35 mulheres que participaram do estudo, apenas 2 assim se autodeclararam. Isso significa que as mulheres negras/pretas precisam conquistar mais os espaços escolares, não somente por meio de cotas, mas também por vontade de serem vistas e reconhecidas pelo que são. É como afirma Bell Hooks (207), para termos a quebra do paradigma em que mulheres negras servem às brancas, é preciso lutar por igualdades.

Gráfico 03: Nível de atuação das professoras entrevistadas

### 3. VOCÊ ATUA EM QUAL NÍVEL DE ENSINO?

35 respostas



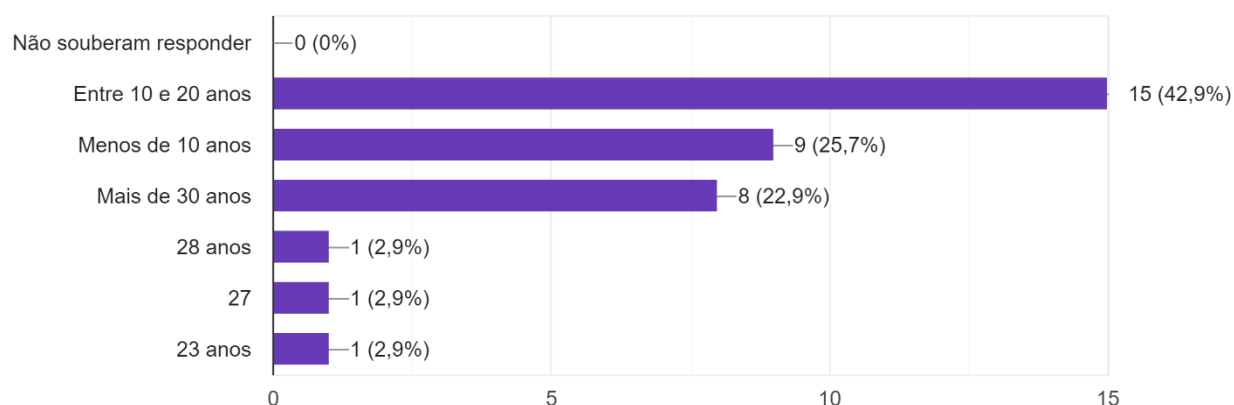
Fonte: elaborado pela autora

O terceiro gráfico revela as respostas obtidas a partir da pergunta sobre o nível de ensino que as mulheres participantes da pesquisa atuam. Percebemos aqui que o ensino fundamental II e o ensino médio são os níveis em que as entrevistadas mais atuam: (41 % - 15) e (38,5% - 15), respectivamente. Esse resultado, quando associado ao perfil das professoras entrevistadas, revela, simplesmente, que a grande maioria delas está envolvida com educação de pré-adolescentes, adolescentes e jovens, ficando o ensino infantil, portanto, sob a responsabilidade de outros profissionais da cidade.

Gráfico 04: tempo de experiência das professoras entrevistadas no magistério

#### 4. QUANTO TEMPO DE EXPERIÊNCIA VOCÊ TEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA?

35 respostas



Fonte: elaborado pela autora

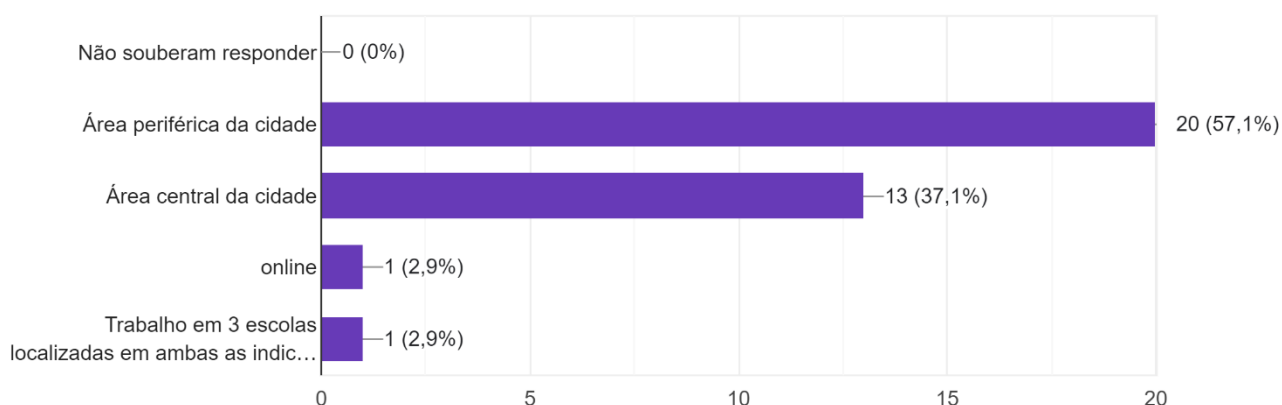
A quarta pergunta foi sobre o tempo de experiência das professoras entrevistadas na educação básica. Temos (42,9% - 15) entre 10 e 20 anos; (25,7% - 9) com menos de 10 anos; e (22,9% - 8) com mais de 30 anos. Esse resultado nos mostra que as mulheres que atuam na educação uberlandense pertencem a diferentes faixas etárias, embora haja predominância daquelas que têm bastante tempo de experiência nesse campo profissional (entre 10 e 20 anos). Os dados apresentados por esse gráfico nos levam a estabelecer uma relação direta entre docência e preferência dos jovens formandos por determinadas áreas profissionais. Apesar de sabermos que as licenciaturas não despertam os interesses de muitos jovens graduandos, essa diversidade de faixas etárias apontada neste gráfico indica há muitas mulheres construindo o seu legado na educação brasileira, algumas começando e outras terminando.

Gráfico 05: local de atuação das professoras entrevistadas



## 5. A ESCOLA ONDE VOCÊ TRABALHA SE LOCALIZA

35 respostas



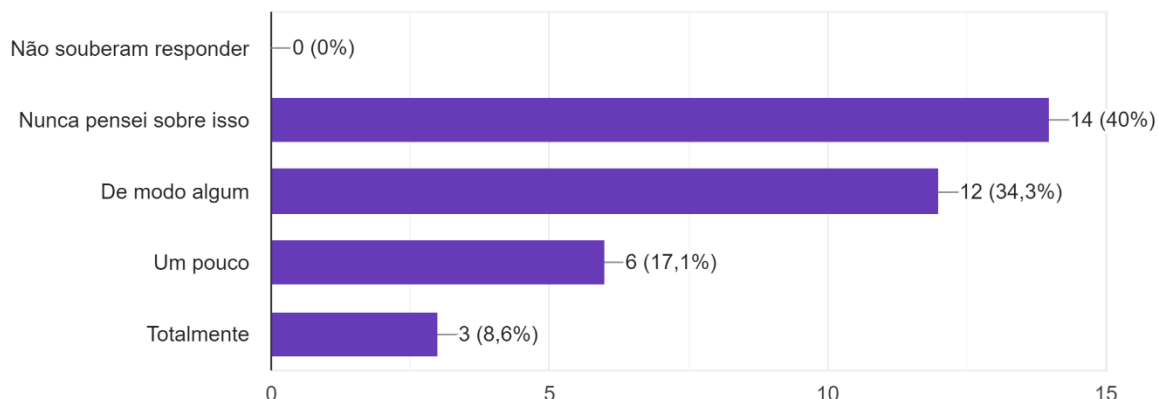
Fonte: elaborado pela autora

A quinta pergunta do questionário foi sobre a localização geográfica da escola onde as professoras trabalham. A maioria (57,1% - 20) respondeu que trabalha em área periférica; a segunda parte maior (37,1% - 13) trabalha na área central. Por meio dos resultados apontados neste gráfico, podemos dizer que a maioria das professoras entrevistadas atua num contexto em que sua contribuição profissional é decisiva na formação dos estudantes, haja vista que as escolas públicas, de modo geral, e as escolas públicas periféricas, de modo específico, carecem de mais apoio dos governos municipal, estadual ou federal para que a educação possa ter mais qualidade.

Gráfico 06: relação entre sexo feminino e escolha profissional

### 6. O FATO DE VOCÊ SER MULHER CONTRIBUIU, DE ALGUMA FORMA, PARA SUA ESCOLHA PROFISSIONAL?

35 respostas



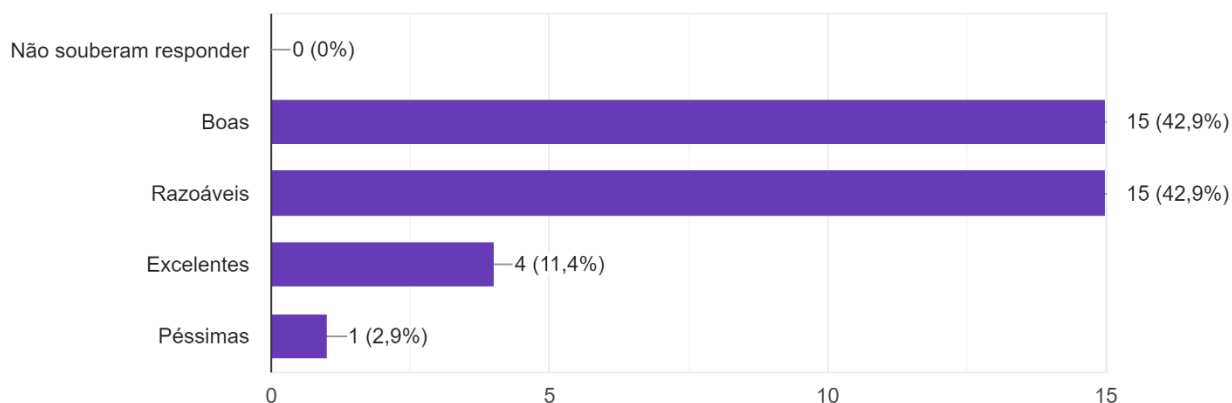
Fonte: elaborado pela autora

A sexta pergunta foi relacionada à escolha da profissão, ou seja, se o fato de ser mulher contribuiu para a escolha profissional das mulheres entrevistadas. (40% -14) delas nunca pensaram sobre isso. Esse resultado pode estar atrelado ao fato de que, em nossa sociedade, a mulher já nasce com o subconsciente de que a opção que lhes resta é ser professora. Temos (34,3% - 12) que afirmam o contrário, ou seja, que escolheram a profissão por amor e tiveram total consciência da escolha que fizeram e que nada disso foi influenciado pelo fato de serem mulheres. (17,1%- 6) afirmaram que ser mulher influenciou a escolha da área educacional, e (8,6% - 3) disseram que o fato de serem mulheres foi decisivo para optarem pelo magistério. Pensando nisso, se juntarmos as mulheres que nunca pensaram nesse fator(40% - 14), as (17,1% - 6) que acreditam um pouco sobre essa influência e as (8,6% -3) que tem certeza disso, teremos mais de (65,7% - 23) delas que (in)conscientemente acreditam que o fato de ser mulher contribui para a escolha da sua profissão.

Gráfico 07: condições de trabalho das mulheres entrevistadas

## 7. COMO VOCÊ AVALIA SUAS CONDIÇÕES DE TRABALHO

35 respostas



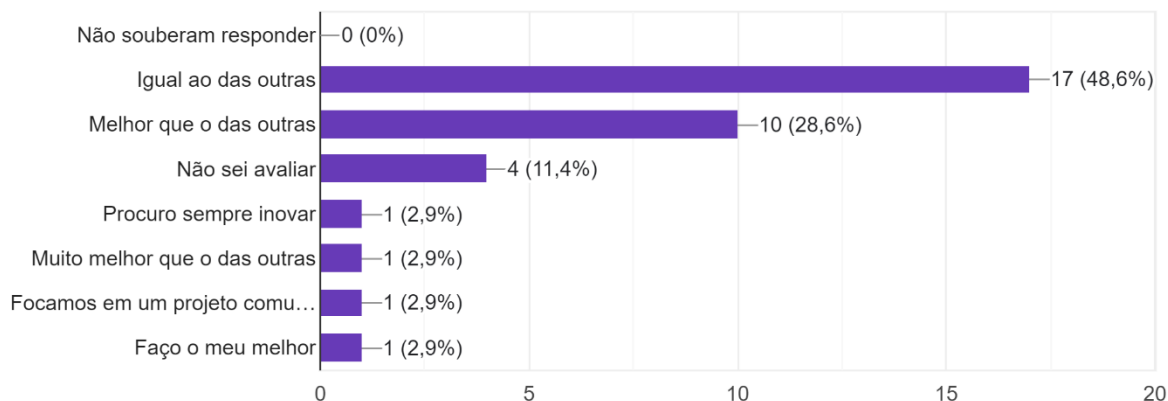
Fonte: elaborado pela autora

Com a sétima pergunta, questionamos o que as mulheres entrevistadas achavam de suas condições de trabalho. (42,9% -15) delas avaliaram como boas; (42,9% -15) como razoáveis; (11,4% - 4) como excelentes; (2,9% -1) como péssimas. Ao correlacionarmos esses resultados com os resultados apresentados pelo gráfico 05 (localização geográfica da escola), podemos classificar o ensino público na cidade de Uberlândia como bom, uma vez que a maioria das professoras entrevistadas atua na periferia da cidade e avaliaram positivamente seu contexto de atuação profissional. A professora que avaliou negativamente as suas condições de trabalho pode ter tido motivações para ter esse pensamento, tal como remuneração salarial; insatisfação por não fazer o que realmente gostaria de fazer; infraestrutura da escola, dentre vários outros fatores que serão comentados a partir dos resultados apresentados pelo gráfico 12: questionamento sobre os principais problemas enfrentados por elas em sua profissão.

Gráfico 08: desempenho profissional das mulheres entrevistadas

8. SEU DESEMPENHO PROFISSIONAL, SE COMPARADO COM O DE OUTRAS COLEGAS, É:

35 respostas

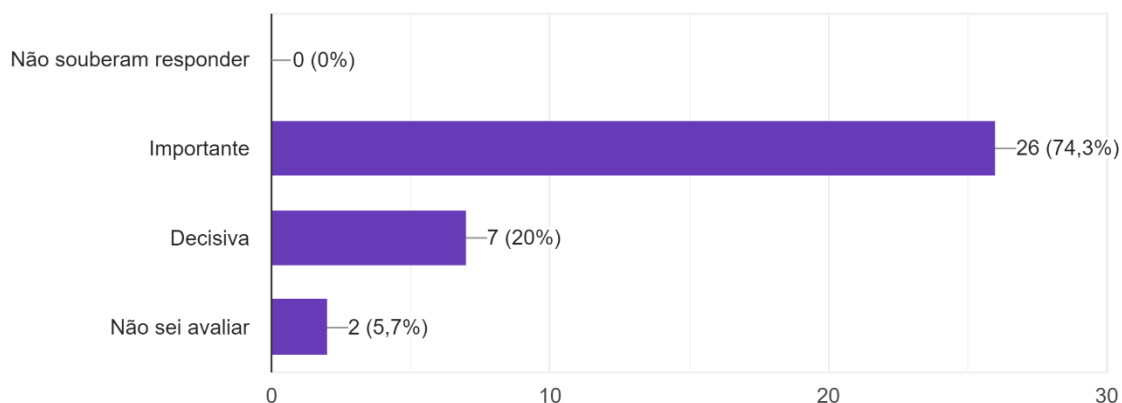


Fonte: elaborado pela autora

Por meio da pergunta 8, questionamos o que as professoras entrevistadas acham do seu desempenho laboral, quando comparado com o das colegas, por exemplo. (48,6% -17) delas responderam ser igual ao das outras; (28,6% -10) acreditam ser melhor que o das outras; (11,4% - 4) não souberam avaliar. Também obtivemos diversas respostas opcionais em que cada uma das restantes respondeu: “procuro sempre inovar”, “respeito que cada colega tem sua maneira de atuar que não é melhor nem pior do que a minha”; “focamos em um projeto comum, multidisciplinar. Considero-me excelente profissional, sem necessidade de comparações”; “faço o meu melhor”. Elas criaram as suas próprias respostas devido ao fato de, talvez, sentirem necessidade de expressar o que pensam diante de um questionário que não contemplou, obviamente, a maneira delas de interpretar a questão colocada. Essas respostas “opcionais” evidenciam a necessidade de respeitarmos as opiniões que cada profissional tem e que nada melhor do que elas mesmas para fazerem uma análise crítica sobre a realidade em seu campo de atuação. Entendemos, após a consideração das respostas oferecidas pelas professoras, que essa pergunta foi mal elaborada, afinal, todos sabemos que, de modo geral, as comparações entre pessoas não costumam ser bem-vindas.

Gráfico 09: importância do trabalho das professoras entrevistadas na vida dos estudantes

9. QUAL É A IMPORTÂNCIA DO SEU TRABALHO NA VIDA DE SEUS/SUAS ALUNOS/AS?  
35 respostas

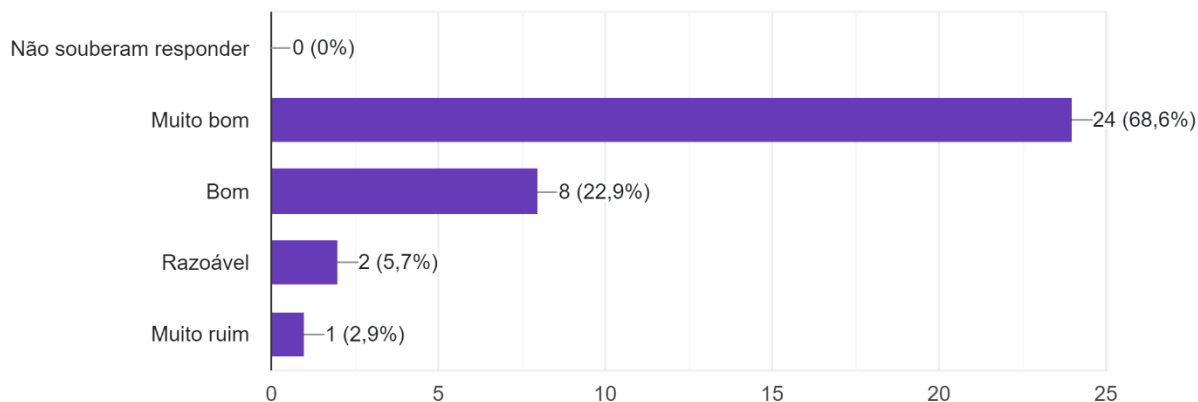


Fonte: elaborado pela autora

Por meio deste gráfico, questionamos as entrevistadas sobre a relevância do trabalho delas na vida dos seus alunos. (74,3% -26) delas responderam que é importante; (20% -7) 7 delas acreditam ser decisiva; (5,7% -2) não souberam avaliar. Ao refletirmos sobre os resultados apresentados, concluímos que a mulher professora exerce um papel essencial na sociedade. É como defende Freire (1987, p.37) “Quanto mais analisamos as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis, (ou fora dela), parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras”.

Gráfico 10: relacionamento das professoras entrevistadas com a comunidade escolar

10. COMO VOCÊ CLASSIFICA SEU RELACIONAMENTO COM A COMUNIDADE ESCOLAR (Seus alunos/as; seus colegas; a direção; os pais dos/a...s/as; a coordenação pedagógica; os funcionários)  
35 respostas



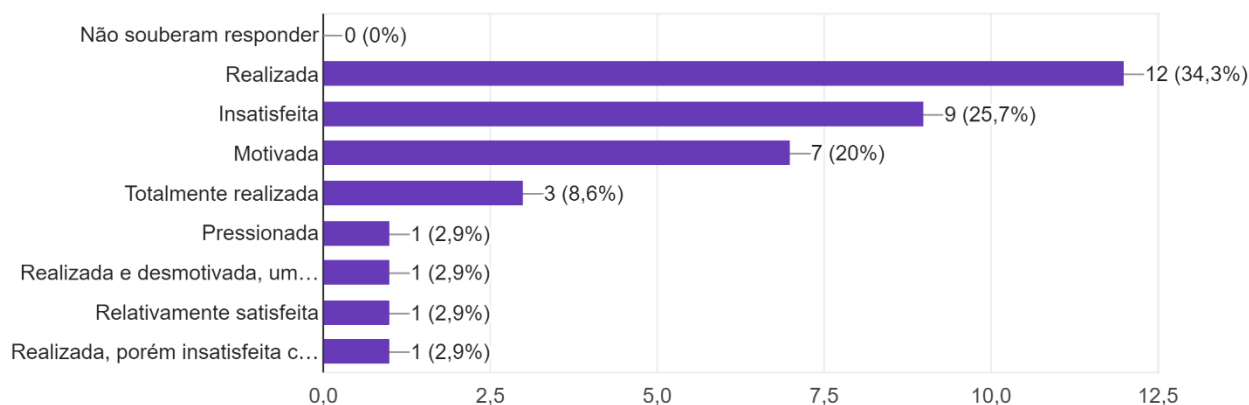
Fonte: elaborado pela autora

Na décima pergunta, questionamos a forma como as docentes classificam o seu relacionamento com a comunidade escolar no geral. (68,6% -24) delas responderam que é muito bom; (22,6% -8) disseram ser bom; (5,7% -2) razoável; (2,9% - 1) muito ruim. Esses resultados são muito relevantes para nosso estudo, uma vez que revelam o índice de satisfação das professoras entrevistadas com a interação que estabelecem com toda a comunidade escolar da qual fazem parte. A grande maioria das professoras tem bom relacionamento com os pais, direção, funcionários etc. Isso mostra que grande parte delas desenvolve seu trabalho de modo a contemplar não somente as demandas da sala de aula, mas também as que extrapolam esse cenário.

Gráfico 11: sentimento das professoras entrevistadas em relação à profissão

### 11. COMO VOCÊ SE SENTE EM RELAÇÃO À SUA PROFISSÃO:

35 respostas



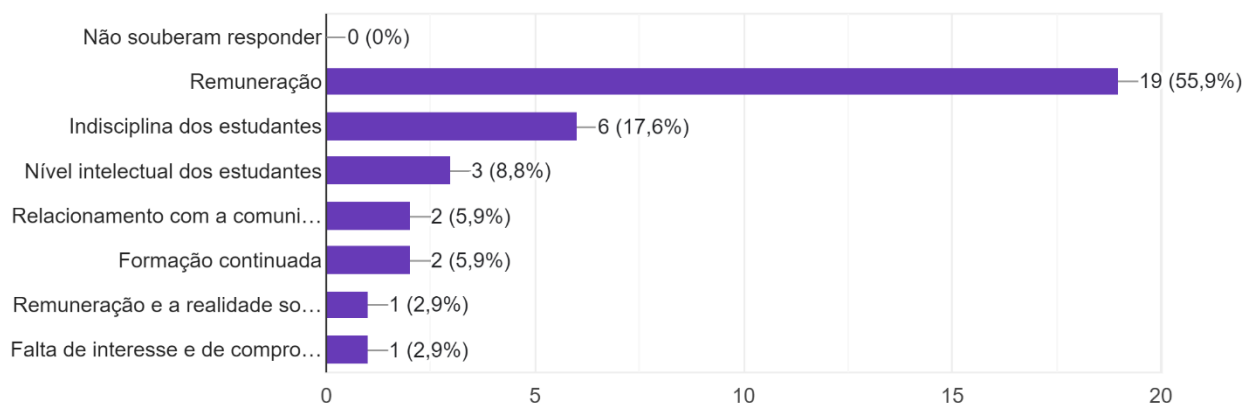
Fonte: elaborado pela autora

Por meio da questão de número 11, perguntamos às professoras entrevistadas como elas se sentem em relação à sua profissão e oferecemos a elas algumas opções, como: “totalmente realizada”, “realizada”, “motivada” e “insatisfeita”. Porém, acreditando que essa pergunta poderia suscitar respostas não previstas pelo questionário, deixamos as respostas abertas. Diante disso, (34,3% -12) das entrevistadas responderam que estão realizadas; (25,7% -9) disseram estar insatisfeitas; (20% -7) motivadas; (8,6% - 3) totalmente realizadas; (11,6 % - 4) delas responderam como complemento estarem “pressionada”, “realizada e desmotivada, um misto de ambos”, “relativamente satisfeita”, “realizada, porém insatisfeita com o sistema e seus impasses”. Pensando nisso, entendemos que as respostas “opcionais” dessas (11,6 % - 4) mulheres revelam várias sensações, haja vista que há momentos em que a professora passa por pressões e a depressão pode vir a depender do quadro apresentado. Embora essa não seja uma realidade específica da educação, os dados revelam as tensões vividas pelos profissionais da educação.

Gráfico 12: principais problemas enfrentados pelas professoras entrevistadas

## 12. PRINCIPAIS PROBLEMAS ENFRENTADOS:

34 respostas



Fonte: elaborado pela autora

Esta é uma das perguntas-chave de nosso estudo, pois contempla diferentes aspectos da educação brasileira. Diante de uma questão tão abrangente, (55,9 % - 19) das entrevistadas responderam que o principal problema enfrentado em sua profissão é a **remuneração**; (17,6 % - 6) (8,8 % - 3) disseram ser a **indisciplina** dos estudantes; (5,9 % - 3) destacaram o **nível cultural dos estudantes**; (5,9 % - 2) mencionaram o **relacionamento com a comunidade escolar**; **formação continuada** (5,9 % - 2); (2,9 % - 1) disseram **remuneração e realidade social dos estudantes**; por último, (2,9 % - 1) apontou a **falta de interesse e de compromisso dos estudantes em relação aos estudos e a pouca participação da família na vida dos estudantes**.

Inicialmente, nos chama a atenção o fator **remuneração**, apontado como o maior problema enfrentado pelas professoras entrevistadas. O docente, que trabalha na rede pública de ensino de Uberlândia e que tem graduação completa, recebe salário de, aproximadamente, R\$ 2,300,00<sup>4</sup>. Para melhorar o salário, além de precisar possuir tempo na área concursada, o profissional precisa fazer diferentes cursos de pós-graduação: especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado. Outro problema é o fato de que o esse valor pago corresponde apenas ao momento da execução da aula. E

<sup>4</sup> Informação retirada do último processo seletivo na cidade de Uberlândia para os cargos de profissionais da educação. Edital 004/2022 - Processo seletivo simplificado público – edital da prefeitura municipal de Uberlândia. Todos os cargos destinados aos seguintes profissionais da área educacional: Atendimento Educacional Especializado, Arte, Educação Física, Educação infantil, Ensino Religioso, Geografia, História, Inglês, Língua Portuguesa, Matemática.



o que dizer de todo o planejamento que os professores têm de fazer? E a correção de trabalhos avaliativos ou não? Esses fatores contribuem para que o principal problema enfrentado pelos professores seja, de fato, a remuneração.

Outro grande problema mencionado pelas professoras é a falta de disciplina dos estudantes. A indisciplina e o baixo nível cultural dos estudantes contribuem para que os conteúdos trabalhados na sala de aula não sejam compreendidos a contento, o que compromete o desenvolvimento da competência discursiva dos estudantes, por exemplo. Diferentemente desses dois problemas, muito lembrados por muitas das professoras entrevistadas, aparece a pouca participação da família na vida escolar dos estudantes. Embora o percentual atrelado a esse dado não seja significativo (2,9% - 1), entendemos que ele deve ser considerado, tendo em vista a importância da participação familiar na formação integral dos estudantes. Como forma de ilustrar essa realidade, fazemos um breve relato de uma situação vivida por uma professora que nos contou que, frequentemente, deixava recados no caderno do estudante para a mãe olhar, mas nunca tinha retorno das mensagens postadas no caderno. Certo dia, ela encontrou o contato *whatsApp* do pai da criança no sistema da secretaria da escola. Então, a professora enviou uma mensagem para ele. No mesmo instante, a mulher, mãe da criança, respondeu à mensagem, dizendo: “o que você quer com o meu marido”. A professora respondeu que era a professora do filho dela e que, diante da ausência de respostas aos recados deixados no caderno dele, decidiu tentar contato via *whatsApp*. Concluímos que há muito desinteresse dos pais pela educação dos filhos. O professor não deve ser o único a se preocupar com a formação dos estudantes.

Por fim, a realidade social dos estudantes, resposta dada por uma professora, é de grande relevância. Há escolas que não possuem infraestrutura adequada, não possuem *Datashow*, biblioteca, móveis em boas condições de uso. Tudo isso contribui para que o aluno perca ainda mais a vontade de estar no espaço escolar. O lugar do saber deve ser um patrimônio conservado sempre, mas o descaso dos governos municipal, estadual e federal com o universo educacional compromete, significativamente, a qualidade do ensino público oferecido no Brasil. Há que se mencionar, também, que muitos estudantes que não têm condições de se manter nas escolas, pois as famílias não conseguem garantir o mínimo para que eles se mantenham na escola, como o material escolar.

Diferentemente de todas as demais questões do questionário, a pergunta 13 foi totalmente aberta: Por favor, use o espaço abaixo para “falar”, como quiser, sobre a sua participação, como mulher, na educação brasileira. Das 35 professoras que responderam ao questionário, 18 produziram um pequeno texto como resposta a essa questão. Reproduzimos, então, as respostas obtidas:

- 1- “Sinceramente, noto que somos, enquanto mulheres, mais cobradas e "testadas". Tive a experiência de trabalhar em cursinhos pré-vestibular e, por muito tempo, eu era a única mulher na equipe de professores. Sempre tinha que me "impor" e reforçar minha capacidade diariamente”.
- 2- “A educação em si é bastante desvalorizada no Brasil, nossa trajetória é de muita luta e busca por igualdade. Ao observar a minha contribuição para os alunos, me satisfaz e sei que estou no caminho certo”.
- 3- “Considero que devemos tentar servir de exemplo pra encorajar outras mulheres a lutar por uma vida melhor, se valorizando, conhecendo seu potencial, não ter medo de mudanças e lutar por seus direitos”.
- 4- “Se eu enquanto mulher me posiciono mais intensamente sobre algo, sou vista como histérica, estressada e de TPM. Sou classificada também como ingênua e "novinha" retirando a minha autonomia e capacidade de ação com palavras. Se eu fosse homem tenho certeza de que tudo seria diferente. Até para conseguir trabalho em particulares ou coisa do tipo a questão de gênero me afeta. Ensino médio a maior parte dos profissionais vistos como bons são homens e eles se destacam mais. A posição de cuidado, amor e empatia fica com mulheres tornando-as "mais aptas" pela visão da sociedade a ocupar o ensino mais próximo ao infantil. Já cheguei a ouvir que dormi de calça jeans a noite e por isso eu estava brava com uma turma. Simplesmente não posso chamar atenção sem ser vista como louca ou “malcomida” em alguns espaços. Se fosse homem eu simplesmente seria ou estaria bravo”.
- 5- “Acredito que tenha dado uma boa contribuição para a educação”.
- 6- “Ótima”
- 7- “Acredito que a mulher tem um papel decisivo na educação brasileira”.
- 8- “Penso que meu trabalho, ao longo dos anos, foi desenvolvido com a finalidade de colaborar no crescimento pessoal dos alunos, mesmo enfrentando muitas adversidades: baixo salário, falta de material didático para ser utilizado em sala de aula, indisciplina e falta de incentivo para o aprimoramento profissional. A presença da mulher na educação brasileira representa crescimento para ela e todos a sua volta”.
- 9- “Gostaria de estar mais ativa em políticas públicas relacionadas a educação”.
- 10- “A minha participação na condição de mulher é libertária. Incentivo e motivo a independência e o empoderamento feminino, uso como testemunho a minha liberdade financeira e intelectual relatando isso a outras mulheres com o objetivo de incentivá-las e reafirmar que isso existe e é possível; combato a misoginia. Levo temáticas sobre direito e respeito às mulheres para a sala de aula; incentivo e convido alunos (meninos) a compreender a condição histórica e entender a necessidade de também serem feministas. Penso que conduzir ideias contra o preconceito (seja lá qual for) deve ser uma temática debatida em sala de aula sempre. Procurar formas de incentivar e motivar os alunos a descobrirem o seu talento e pela busca do autoconhecimento são contribuições que posso conduzir em sala de aula e influenciar os alunos a pensar sobre isso deve ser uma constante”.
- 11- “Penso que a mulher tem mais sensibilidade e empatia, o que contribui para um melhor relacionamento com a comunidade escolar e, conseqüentemente, favorece a uma educação de qualidade”.
- 12- “Considero que nós, professoras mulheres, temos um lugar de fala importante para a formação de uma nova consciência junto a nossos alunos, para desconstruir modelos que nos subjagam, que nos inferiorizam”.
- 13- “Sinto-me realizada em poder participar da construção do conhecimento dos alunos”.
- 14- “A minha participação, enquanto educadora e mulher na sociedade brasileira, tem como objetivo ensinar, construir conhecimentos com os alunos, compartilhar informações, instruir, corrigir, apresentar caminhos e

possibilidades, para que esses tenham uma vida melhor. O intuito é despertar a esperança e inspirar o conhecimento, para que, assim, tenhamos cidadãos críticos e reflexivos, capazes de construir a sua própria história, formular os seus próprios juízos de valor, de forma que possam agir como pessoas responsáveis e justas na sociedade em que vivemos”.

15- “Sou muito feliz em minha profissão, nunca me vi em outra que não fosse a sala de aula. Sei que posso como mulher, contribuir para formação e conscientização de meninas e meninos, daqui a pouco mulheres e homens, de que o mundo pertence a ambos, com direitos e valores iguais, ou seja, possibilitar um mundo melhor para ambos, seja ele profissional ou pessoal”.

16- “Sou muito feliz em minha profissão, nunca me vi em outra que não fosse a sala de aula. Sei que posso como mulher, contribuir para formação e conscientização de meninas e meninos, daqui a pouco mulheres e homens, de que o mundo pertence a ambos, com direitos e valores iguais, ou seja, possibilitar um mundo melhor para ambos, seja ele profissional ou pessoal”.

17- “Apesar de todas as dificuldades enfrentadas no processo de ensino, tais como, baixa remuneração, grande sobrecarga de trabalho e desinteresse por parte dos alunos, eu me sinto realizada na opção profissional de escolhi. Lamento apenas que as famílias não deem aos filhos o acompanhamento do qual eles precisam. A educação provinda do lar que resulta no respeito pelos educadores e pelos colegas de uma forma geral, tem sido muito insuficiente. Sou feliz por fazer parte do processo de formação de tantos jovens. Me sinto bem em acompanhar de perto o crescimento dos adolescentes”.

18- “Sou muito feliz em minha profissão, nunca me vi em outra que não fosse a sala de aula. Sei que posso como mulher, contribuir para formação e conscientização de meninas e meninos, daqui a pouco mulheres e homens, de que o mundo pertence a ambos, com direitos e valores iguais, ou seja, possibilitar um mundo melhor para ambos, seja ele profissional ou pessoal”.

Quando pensamos nas respostas reproduzidas, percebemos a cobrança em ambas as áreas quando o assunto é mulher. Não só na vida, mas também no trabalho, relacionamento etc.; na segunda resposta, por exemplo, existe a reclamação sobre a desvalorização dos profissionais da educação no país, haja vista que ser professora exige sempre uma luta educacional, buscar por melhores salários, qualidade de vida etc.; na terceira resposta aberta a professora deixa clara a importância de que o/a professor/a seja “exemplo” para que ainda haja esperança na educação, pois sem profissionais, sem ensino de qualidade em todo o país, estaremos cada vez mais sem direção, sem perspectivas de um futuro melhor.

Na quarta resposta, a professora diz que quando ela se posiciona numa sala e tenta impor o respeito, ela é dada como louca, histérica ou dizem que ela está de Tensão Pós-Menstrual (TPM). Esse relato evidencia algumas diferenças que marcam o dia a dia profissional de homens e de mulheres, De modo geral, nos parece que quando um homem tenta se impor, é respeitado, já a mulher é tida como louca. Apesar dessa realidade vir se transformando, ainda há muito a se fazer para que a mulher seja tão respeitada quanto os homens em todos os ambientes profissionais, no caso.

Outra resposta importante destaca o posicionamento da mulher nas escolas, principalmente no Ensino Médio. A profissional diz que é mais fácil serem consideradas aptas para atuarem no

Ensino Infantil, pois esse é o nível de maior concentração de professoras, e maior evasão masculina. Devemos, portanto, tomar cuidado para não retrocedermos e acreditarmos, mesmo inconscientemente, que o lugar da mulher professora é no Ensino Infantil.

A resposta de número 13 funciona, mais ou menos, como uma síntese das preocupações desta pesquisa. As professoras que responderam a essa questão demonstram ter consciência do papel primordial que exercem na sociedade, na vida dos discentes, seja na área educacional, seja no âmbito pessoal.

Para finalizarmos essa pequena análise das respostas à única questão aberta desta pesquisa, destacamos a resposta 18, que revela o modo como a maioria das professoras mulheres se sente em relação à profissão escolhida, apesar dos muitos problemas que elas enfrentam: felizes por estarem numa profissão que, de fato, pode contribuir para a formação integral de pessoas.

Ser mulher é uma batalha diária; educadora, então, é uma grande luta. Cabe à nós (mulheres) mostrar aos alunos que a educação é capaz de transformar nossas vidas e que grandes profissionais são capazes de combater o preconceito, não só com palavras, mas com ações cotidianas efetivas,

## **5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao encerrarmos este estudo, entendemos que conseguimos fazer uma breve discussão sobre a educação na cidade de Uberlândia-MG. Os referenciais teóricos contribuíram para analisarmos o contexto histórico da educação, seja no mundo, seja no Brasil. A pesquisa nos ajudou a chegar ao pensamento de que houve grandes revoluções durante a trajetória da mulher na educação e ainda notamos que precisamos seguir em frente, pois a luta continua. Quando analisamos a educação brasileira como um todo, percebemos as mudanças que tivemos, tanto no período de colonização quanto na atual conjuntura.

A metodologia aplicada e produzida mostrou que as mulheres enfrentam muitas barreiras na área educacional. Apesar disso, elas revelaram estar satisfeitas com a escolha profissional que fizeram e, ao mesmo tempo, conscientes de que ainda há muito que ser melhorado como remuneração, condições de trabalho, falta de interesse dos estudantes etc.

Se considerarmos a longa trajetória da educação formal no Brasil e, consequentemente, os avanços alcançados, podemos dizer que as mulheres têm grande e importante participação nesse processo, afinal estamos tratando de uma área profissional dominada por elas. Os resultados obtidos com a realização deste estudo apontam que as mulheres professoras têm consciência do valioso papel que elas exercem na vida dos estudantes. Elas sabem, também, que a cada dia há que se enfrentar uma luta diferente por direitos igualitários.

Por fim, quando pensamos na realidade educacional do Brasil, podemos perceber, também, que essa realidade transformou a vida das mulheres. Atualmente temos direito às conversas formais, ao voto, à escolarização e aos espaços de poder. Esperamos que este trabalho possa influenciar outras mulheres a se engajarem na luta por uma educação pública de mais qualidade, principalmente, na cidade de Uberlândia-MG, contexto aqui considerado. Esperamos, também, que mais mulheres, professoras ou não, lutem pelos ideais de igualdade de gênero em todas as esferas da sociedade.

## 6.0 REFERÊNCIAS

APPLE, Michael. **Ensino e trabalho feminino: uma análise comparativa da história e ideologia.** São Paulo: CAD Pesquisa, 1998 (Universidade de Winsconsin-Madson- EUA Tradução de Tina Amado).

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.** 9394/1996. Brasil.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

CARRANZA, Kátia Augusta Coutinho. **Educação da mulher no Brasil e Magistério.** 2016. Disponível em: [https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/TCC\\_Katia.pdf](https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/TCC_Katia.pdf). Acesso em: 02 nov. 2022.

COSTA VAL, Maria. da Graça. **Redação e textualidade.** São Paulo: MartinsFontes, 1991.

FERREIRA, Alberto. **A educação inclusiva na universidade.** 2016. Disponível em: <http://www.reid.ucm.ac.mz/index.php/reid/article/view/110/99>. Acesso em: 03/11/2022

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>.

Acesso em: 22/12/2022

GALVÃO, Patrícia. A pauta é: violência e assédio contra mulheres no trabalho. Fev 2022.

Disponível em: [https://www.naosecale.ms.gov.br/wp-content/uploads/2022/03/IPG\\_Guia\\_ApautaeViolenciaeAssedioContraMulheresNoTrabalho\\_2022.pdf](https://www.naosecale.ms.gov.br/wp-content/uploads/2022/03/IPG_Guia_ApautaeViolenciaeAssedioContraMulheresNoTrabalho_2022.pdf). Acesso em: 20/12/2022

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Folha de S. Paulo, 2021 (Coleção Folha Os pensadores, v,3).

LEÃO, Denise Maria Maciel. **Paradigmas contemporâneos de educação: Escola tradicional e Escola Construtivista** Ceará: 1996, FAGED/UFC, Cadernos de Pesquisa, nº 107, p. 187-206, julho/1999.

Mercado de trabalho e empregabilidade da mulher. **GOV.** 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/conselho-nacional-do-trabalho/grupos-de-trabalho/gt-mercado-de-trabalho-e-empregabilidade-da-mulher/RelatorioGTEmpregabilidadeMulheresfinal.pdf>.

Acesso em: 02 nov. 2022

PIETRI, Émerson. **Sobre a constituição da disciplina curricular de língua portuguesa.** Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 43 jan./abr. 2010.

POSSENTI, Sírio. **Aprender a escrever (re)escrevendo.** Campinas: Cefiel/ IEL/ Unicamp/MEC, 2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7265889-Aprender-a-escrever-re-escrevendo.html> . Acesso em: 28 dec. 2022.

REISDÖRFER, Lara Aparecida Lissarassa. **Fundamentos históricos, teóricos e metodológicos do serviço social,** Indaial: Uniasselvi, 2013. Disponível em: <https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=15995>. Acesso em: 28 dez. 2022

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **História da educação escolar no Brasil.** Notas para uma reflexão. USP, Rib. Preto, 4, FEV./ JUL 1993. 15-29, fev/jul 1993.

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa gramática completa Sacconi:** Teoria e prática. 29 Edição. São Paulo: Nova Geração, 2008.

SANTOS, Andreia Mendes dos; SILVA, Renata Santos. **O processo de construção da identidade docente no Brasil.** 2016. Disponível em: [https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/21857/2/O\\_processo\\_de\\_construo\\_da\\_identidad\\_e\\_docente\\_no\\_Brasil.pdf](https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/21857/2/O_processo_de_construo_da_identidad_e_docente_no_Brasil.pdf). Acesso em: 22/12/2022.

SOARES, Magda. **Português na escola** – História de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos (Org.). Linguística da norma. São Paulo: Loyola, 2002.

## 7.0 ANEXOS

Anexo 01: quantitativo de servidores (homens e mulheres) PEB - Uberlândia

Apenas servidores com exercício nas Escolas dos municípios

Sit. Funcional: 1; 2; 3; 9; 11; 16; 21; 28

Sit. Servidor: Ativo; Disp/Adj

Fonte: SISAP

Folha: Setembro/2022

Relatório: 26/10/2022

CARREIRA	FEMININO	MASCULINO	TOTAL	Proporção de professoras (sexo feminino) em relação ao total
PEB	2.660	1.131	3.791	70,17%

Anexo 2: questionário enviado às professoras partícipes da pesquisa

Título da pesquisa: A educação na cidade de Uberlândia-MG: a participação da mulher

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UFU - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
ILEEL – Instituto de Letras e Linguística  
TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

Título da pesquisa: A educação na cidade de Uberlândia-MG: a participação da mulher

Pesquisadores responsáveis:

Graduanda: CARLA MÁRCIA DA SILVA

Docente: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elisete Maria de Carvalho Mesquita

2022/2

**Questionário<sup>5</sup> direcionado às professoras que atuam na educação básica pública da cidade de**

**Uberlândia-MG.**

1. QUANTOS ANOS VOCÊ TEM?

- Menos de 30 anos
- Entre 30 e 40 anos
- Entre 40 e 50 anos
- Mais de 50 anos

2. COMO VOCÊ SE CLASSIFICA EM RELAÇÃO À SUA COR/RAÇA?

- branca
- preta
- parda
- amarela
- indígena

3. VOCÊ ATUA EM QUAL NÍVEL DE ENSINO?

---

<sup>5</sup> Esta pesquisa obedece às Normas do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): Processo: CAAE: 90396917.5.0000.5152

- infantil
- Fundamental I
- Fundamental II
- Médio

4. QUANTO TEMPO DE EXPERIÊNCIA VOCÊ TEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA?

- Menos de 10 anos
- Entre 10 e 20 anos
- Mais de 30 anos

5. A ESCOLA ONDE VOCÊ TRABALHA SE LOCALIZA

- área central da cidade
- área periférica da cidade
- Outro (especificar)

6. O FATO DE VOCÊ SER MULHER CONTRIBUIU, DE ALGUMA FORMA, PARA SUA ESCOLHA PROFISSIONAL?

- totalmente
- um pouco
- de modo algum
- nunca pensei sobre isso

7. COMO VOCÊ AVALIA SUAS CONDIÇÕES DE TRABALHO

- excelentes
- boas
- razoáveis
- péssimas

8. SEU DESEMPENHO PROFISSIONAL, SE COMPARADO COM O DE OUTRAS COLEGAS, É:

- Muito melhor que os outras
- Melhor que os outras
- Igual aos outros
- Pior que os outros
- Muito pior que os outros

9. QUAL É A IMPORTÂNCIA DO SEU TRABALHO NA VIDA DE SEUS/SUAS ALUNOS/AS?

- Não possui importância
- Pouca importância
- Importante
- Decisiva
- Não sei

10. COMO VOCÊ CLASSIFICA SEU RELACIONAMENTO COM: (Marque apenas UMA OPÇÃO em cada linha)    A = Muito ruim    B = Ruim    C = Razoável    D = Bom    E = Muito bom

- |                |     |     |     |     |     |
|----------------|-----|-----|-----|-----|-----|
| Seus alunos/as | (A) | (B) | (C) | (D) | (E) |
| Seus colegas   | (A) | (B) | (C) | (D) | (E) |
| A direção      | (A) | (B) | (C) | (D) | (E) |



Os pais dos/as alunos/as (A) (B) (C) (D) (E)  
 A coordenação pedagógica (A) (B) (C) (D) (E)  
 Os funcionários (A) (B) (C) (D) (E)

11. COMO VOCÊ SE SENTE EM RELAÇÃO À SUA PROFISSÃO: (Marque apenas UMA OPÇÃO em cada linha) A = Discordo totalmente B = Discordo C = Concordo D = Concordo totalmente

Totalmente realizada (A) (B) (C) (D)  
 Realizada (A) (B) (C) (D)  
 Motivada (A) (B) (C) (D)  
 Insatisfeita (A) (B) (C) (D)  
 Pressionada (A) (B) (C) (D)  
 Deprimida (A) (B) (C) (D)  
 Outro

12. PRINCIPAIS PROBLEMAS ENFRENTADOS: (Marque apenas UMA OPÇÃO em cada linha) A = Discordo totalmente B = Discordo C = Concordo D = Concordo totalmente

Formação continuada (A) (B) (C) (D)  
 Remuneração (A) (B) (C) (D)  
 Nível intelectual dos estudantes (A) (B) (C) (D)  
 Nível sócio-econômico dos estudantes (A) (B) (C) (D)  
 Relacionamento com a comunidade escolar (A) (B) (C) (D)  
 Indisciplina dos estudantes (A) (B) (C) (D)  
 Localização geográfica da escola (A) (B) (C) (D)  
 Status social (A) (B) (C) (D)  
 Outro

13. POR FAVOR, USE O ESPAÇO ABAIXO PARA “FALAR”, COMO VOCÊ QUISER, SOBRE A SUA PARTICIPAÇÃO, COMO MULHER, NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.